

SEMANARIO DO CINQUINATO.

1837.

SABBADO 25 DE FEVEREIRO.

N. 2

RIO DE JANEIRO, TYP. DO DIARIO DE N. L. VIANA. 1837.



QUESTÃO RELIGIOSA.

Trataremos agora de uma questão summa-
mente melindrosa, não tanto pelo que parece
á primeira vista; mas pelo que realmente é,
considerada em si mesma: fallamos da questão
do ingresso dos 30 Novícios para o Convento
Carmelita de Angra dos Reis.

Muito se tem dito, muito se tem escripto pró-
e contra os Estabelecimentos Monachas. Os
inimigos dos Frades ponderão que são elles Cor-
porações Constituidas dentro dos Estados, que
são Milicia Papal, e que por isso se torna pe-
rigosa sua conservação; dizem que são esteios
do absolutismo, que são celibatarios ociosos,
que são devassos, e corrompidos; que d'elles
nenhuns bens vêm á Sociedade, e antes mui-
tos males; que d'elles nasce o fanatismo; d'el-
les..... Emfim tudo tem os Frades.

A isto se lhes tem respondido, que as Cor-
porações Religiosas não offendem os interesses
dos Estados com seus institutos, os quaes uni-
camente se dirigem á disciplina claustral: tem-
se-lhes feito sentir que os Frades não são Mi-
licia do Papa, e que por esse lado nenhum
perigo oferecem; e ao contrario muitos bens,
por sêrem zeladores da Religião; que si dos
Claustros tem saído pregadores do direito di-
vino dos Monarchas, e defensores do absolu-

VARIÉDADE.

Debaixo de um tal título permitta o Leitor que,
não sempre, mas quando podermos, lhe apresente-
mos algumas curiosidades, que possão por alguma
forma interessar-lhe. Hoje nós lhe offereceremos um
caso, que mais de uma vez ouvimos á um velho,
cuja amíssade frequentavam. Do que agora referir-
mos alguma utilidade poderá colher-se.

O VIL SEDUCTOR.

Nas margens do Paraguassú *, não longe de Nagé,
via-se outrora uma pequena casa, cuberta de col-

* O Paraguassú é um rio, que descendo dos Ser-
tões, perde seu nome na Bahia de Todos os Santos. Sete leguas á cima de sua foz está situada ao
lado direito a populosa Villa da Cachoeira; e fica-
lhe do lado oposto a rica Povoação de S. Felix. O
Paraguassú é navegado até aquella Villa por grandes
barcos, e até por brigues. Abaixo da Cachoeira so-

tismo, tem n'elles igualmente aparecido, prin-
cipalmente entre nós, muitos Frades zelosos
dos direitos do povo, e idolatras da liberdade.

A' pecha de celibatarios ociosos se tem res-
pondido que no seculo vivem milhares de ho-
mens celibatarios, e ociosos: sobre sêrem de-
vassos, e corrompidos, tem-se tambem respon-
dido que entre elles não poucos homens justos
brilháro, e ainda brilhão. Finalmente os de-
fensores dos Frades sustentão que no Brasil as
Ordens Religiosas differem muito das da Euro-
pa; que aqui são elles mansos credores, e ami-
gos incansaveis da pobreza; que aqui não lhes
pertencem os dizimos, que nenhuma influen-
cia exercem elles sobre o regimen do Estado;
que nenhuma influencia mesmo exercem sobre
a Moralidade Publica. Dizem mais, que a con-
servação das Corporações Religiosas utilisa mu-
ito; porque fornecem recurso de Ministros pa-
ra o Culto Divino. Dizem que esbulhar os Fra-
des dos seus bens é um attentado contra o di-
reito de Propriedade, é uma offensa feita á Cons-
tituição, que nos rege.

Eis pouco mais, ou menos as arguições fei-
tas aos Frades; eis a sua desfeza. Nos diremos
tambem qual é a nossa convicção á respeito.

Não são indispensaveis os Frades para sus-
tentar-se a Religião, porque mui raros são os
exemplos dos que entre nós exercitão as fun-

mo: pendurada em estacas, fincadas ao longo do
rio, via-se muitas vezes estendida uma pequena re-
de, que ali enxugava, finda a pescaaria, e junto ao
mangue estava uma canoa atada á um moirão.

Ai vivia Pedro, pobre pescador, que era nos ar-
redores conhecido por Pedro o Camhoeiro: elle ti-
nha uma pequena cambôa, e d'aí lhe vinha o ap-
pelido. Sua mulher, um filho já rapaz, e uma filha na
idade de desseis annos, formavaõ sua pequena família.

Pedro tambem lavrava um pequeno espaço de ter-

bre a margem esquerda do rio ficão as povoações de
Nagé, e Coqueiro, e mais abaixo a Villa de Mora-
gipe. E largo, e bastante aprasivel: de um e outro
lado tem lindas propriedades de engenhos, e belas
fazendas: á elle pagão tributo alguns outros pequenos
rios; entre os quaes o do Iguape, que é o maior,
serve de canal por onde se transporta o muito açúcar
do fertil reconcavo d'aquelle nome.

cões de Parochos. Os Frades dentro dos Claustros vivem para os Claustros, no seculo vivem realmente mais para o seculo, do que para a Religião; porem na apparencia convidão mais os povos para o bem, do que para o mal; e com isto a Sociedade ganha alguma coisa; porquanto, si esses homens não são justos, seus habitos inculcão que n'elles mora um verdadeiro espirito religioso, e uma virtude san; muito embora assim não seja sempre.

Mas dessa presunção do vulgo, que males resultão? Nenhuns. Que nos importa que uma Beata, que um velho usurario beijem um Jurel? Deixemol-os beijarem até as alparcas dos missionarios: ao menos os que vêm, sentem-se, ou mais, ou menos, tocados de um sentimento religioso; porque essas mostras de respeito, dadas á esses Ministros do Altar, são uma demonstração de obediencia á Igreja, são uma prova de amor á Religião.

Os Frades, tambem diremos, não são Milicia Papal; ao menos entre nós, onde, sendo poucos, vivem tão ignorados de Ro-
mão, os Frades são devassos, e corrompidos, nos claustros quasi sempre se encerrão es-
ses defeitos; em quanto que vemos na Socie-
dade milhares de devassos, que todos os dias prevertem a mocidade. Si os Frades são celibatarios, muito bem argumentão aquelles que mostrão o incalculavel numero de celibatarios, que abundão no seculo.... Mas os Frades, ain-
da mesmo que o quizessem, não podião entre
nós ser columnas do absolutismo. Seu numero é tão pequeno que nenhum mal pode fazer aos negocios do Estado.

Nós dissemos que os Frades não são indis-
pensaveis; e com isto bem se vê que não par-
tillhamos o sentir d'aquelle que dão tanta im-
portancia á sua conservação. Sem Frades, co-
mo hoje são, seríamos o que somos, e nenh-
um quebra sofreria a sua Religião; com el-
les bem nada ella perde. Verdade é que al-

mo á sua pobre habitação; e aí plantava o inimigo inhame, * o aipim, a mandioca; aí colhia verduras, que cauteloso semeava. Pedro não era preguiçoso; e, com quanto colhesse pouco, por-
que pouco plantava, esse mesmo pouco remediava parte das suas precições. A paz, a bondade, e a singeleza, moravão com a familia de Pedro.

Em uma noite bastante tempestuosa — truz, truz, truz — souo por trez vezes na porta de Pedro: já era tarde, e a familia se achava agasalhada; só o velho não dormia ainda. O vento sibilava forte, e a chuva caia em abundancia. Pedro applica o ouvido; — truz, truz, truz — de novo batêrão.

— Quem está aí?

— Somos de paz.

— Á esta hora, e com similhante noite?!.. Quem sois vós, e o que quereis?!

* E o inhame chamado da costa, que dá em grande abundancia nas margens do Paraguassi, e que muito serve á pobreza d'aquelle lugares.

guma coisa luc... si os Frades fossem hoje, o que no principio fôra. Ninguém mais que elles podia domesticar a fereza dos povos que habitão os nossos sertões; mas mister fôra que á isso se prestassem com o necessário zelo: is-
so nós reconhecemos que não fazem, pois que prêsa muito seu santo ocio. Esse ocio, porem, á ninguem offende; e mesmo podia-se-lhes im-
pôr alguma condição, bem como a de prega-
rem à palavra santa, e pura do Evangelho aos indigenas. Elles pagão de alguma forma o ocio, em que vivem, com os benefícios que (confes-
semos uma verdade) á não poucos desvalidos, fazem: todavia não se creia que os quereríamos ociosos.

Si hoje se tratasse de criarem-se Conventos, nós perguntariam: — Para que fundar casas á indolencia? Mas já se achão instituidos, já se achão dotados esses Conventos, que tão poucos são, que tão poucos habitadores tem: con-
servemol-os, uma vez que haja quem voluntaria-
riamente se dedique á vida monachal; deixemos que gozem do que lhes deixáram seus pios bem-
feiteiros, e somente exijamos que cumprão com as disposições, que lhes encarregáram, com os devéres, que contrairão para com a Religião.

Para que fundar casas á indolencia? — Nós dissemos que assim perguntariam, si hoje se tratasse da criação de Conventos. Si porem nos respondessem: — Não, nós não fundamos casas á indolencia; nós construimos Estabelecimen-
tos, que tem por sim propagar a Religião, e a Moral: os homens para quem fundamos es-
tas Casas tem por obrigação cultivar os povos brutos de nosso interior, e imbuil-os nos prin-
cipios uteis do amor do proximo. — Então, tor-
nariam, edificai, edificai essas Casas de Ora-
ção; dai com que esses homens se mante-
nhão. —

Nós quereríamos, (que vale, porem, nosso querer?) nós quereríamos que os Frades fossem unicamente Frades, e não se intrometes-

— Por humanidade abri-nos vossa porta: não so-
mos malfitores, que vos venham incomodar; pre-
cisamos do vosso socorro, não nol-o negueis; séde compassivo.

Tocado de um sentimento de bondade, o velho immediatamente abre a porta. — Quem quer que se-
jaes entrai, já que em nüm procuraes abrigo. — O velho disse, e trez homens, saudando-o, entráram um apoz outro.

— Sentaí-vos, (accrescenta Pedro) vindes tão mo-
lhados... para onde vos dirigis com similhante noite?

— Saímos de Itaparica * ás duas horas da tarde: (respondeu d'entre elles um moço bem appessoado) iamos para a Cachoeira, onde tenho negócios á tra-
tar; não julgavamos, porem, que o rio estivesse com tão forte correnteza, e tão entumecido pelas chuv-
as. Pareceu-nos que o tempo não se tornaria tão

* Antigamente povoação, hoje villa na grande ilha do mesmo nome. A ilha de Itaparica é fronteira à cidade.

sem, sinão com os affazeres religiosos: queremos que os Padres fossem unicamente Padres; que assim melhor se respeitada a Religião. Dos mesmos Ministros da Igreja tem nascido a immoralidade religiosa; mas isso não seja motivo para se despresar, para mesmo se vilipendiar a Religião.

Temos com franqueza fallado sobre a questão dos Frades: nós opinamos que é mui justa a concessão que requerem: perguntaremos, porem, si as Assembléas Provinciales são competentes para sobre isso legislarem? Muitos dizem que sim. Mas a Assembléa Geral decretou que elles terião o uso fructo dos seus bens, em quanto existissem, (isto foi com as vistas de não entrarem novos) porem, extintos elles, os bens serião da Nação. Ora as Assembléas Provinciales, concedendo o ingresso de Noviços, fazem que as Ordens Religiosas se perpetuem, e d'esta arte parece ficar annullada uma disposição do Corpo Legislativo da Nação. Aqui há muitas razões pró e contra; e nós cederemos de tal discussão.

A Bahia, e Pernambuco permittirão a admissão de novos habitadores dos seus Conventos, e também sobre isso nada diremos; sinão que as intenções de tais legisladores parecerão-nos guiadas por um princípio de justiça. — Os bens são dos Frades, os Frades que os gozem. —

Já temos muito bem feito ver que dos Frades males nenhum nos podem vir. Falla-se que encobrem muitos vícios com a capa da Religião: muitas vezes assim é. No entanto também não vemos nós homens *santarrões*, que engolem *traves*, e engasgão-se com *mosquitos*? Não os vemos jejuando, guardando os dias de preceito, ouvindo Missa, e fazendo festas aos Santos? Mas (não fallamos com todos) ide perdir-lhes uma esmolla para adjutorio do casamento de vossa filha; que elle vos responderá: — *Não peço tambem esmolla por não ter saeo!!!* — E dizem estes homens que são religiosos,

mão, nem tão medonha a noite: mas desde a barra lutão os remeiros contra as correntes; e a chuva não tem cessado um instante; o vento sopra furioso; e estamos todos traspassados de frio; estamos fatigadíssimos: vós dignai-vos por esta noite recolher-nos.

— Ditoso me julgo eu em poder sér-vos útil; estais em casa: aqui só vereis pobreza; mas não faltarão em mim, e na minha família boa vontade de servir-vos. — E Pedro lhes apontou um lugar onde mudassem os molhados vestidos, e dos seus forneceu trajos á dois; que o moço não necessitava, por ter vindo prevenido de sufficiente fato.

Eis já em pé toda a família, e do seu pouco já Pedro mandará preparar a cêa para seus trez hóspedes. Rosa (este era o nome da donzella) já estende alvo guardanapo sobre o estrado; e o moço hóspede a vê, e amorosa cubica lhe desce ao peito.

Prepara-se a frugal meza, e os viajantes encetão os pratos; mas Antonio quasi nada comia, Antonio

sos, quando sem caridade não há virtude, sem virtude não ha religião!

Tambem muitas velhas valem-se da confiança que em sua idade depositão paes incautos, e corrompem as donzelas, com quem tratão. E devemos por isso odiar á todos quantos parecem beatos? devemos por isso odiar á todas as velhas? Não: e o mesmo diremos á respeito de muitos outros casos identicos. Assim tambem, porque há Frades maus, não devemos aborrecer a todos: mal iria o mundo si tal doutrina fosse adoptada.

Si fôramos legislador, votariamos á favor da conservação dos Conventos, contanto que desempenhassem elles tais e tais devêres. Sim, dos Frades grandes fructos poderão vir á Sociedade. Assim o pensamos; assim o enunciemos.

Uns nos chamarão fanatico, porque dissemos que apoiaríamos os Frades, si fossemos legislador: outros nos taxarão de irreligioso; porque avançamos que os Frades não são indispensaveis. Aos primeiros responderemos que nós, conhecendo o poder da Religião sobre as consciencias, a consideramos o mais forte incentivo para o bem, e que exigimos dos Frades não ocio, mas trabalho; — *devem elles cultivar a vinya do Senhor*. Aos segundos diremos que, encarando os Frades no estado em que se achão não é uma blasfêmia enunciar que deixão elles de serem indispensaveis. Podíamos ainda alguma coisa dizer á respeito: mas tememos errar. Si o que emittimos não é rasoavel; pedimos que nos iluminem melhor.

A PENA DE MORTE: — O PADECENTE. —

Quando um membro apodrece, corta-se, para que o contagio se não communique á todo o corpo. Um homem que á sangue frio arranca a existencia á seu semblante; um homem que mancha cada um dia da sua vida com novos crimes; um homem que continuamente insulta

não arredava os olhos de Rosa, que, sem senhorinho, toda ella honestade, e innocencia, lhe estava de minuto em minuto cravando no peito com suas naturaes graças, com seus brilhantes olhos, o ervado punhal do amor: ah! esse amor não era puro; Antonio tinha pouco de moral.

No entanto Pedro e sua mulher tinham, como lhes fôra melhor possivel, preparado camas para seus hóspedes: já suas molhadas roupas enxugavão em uma corda ao calor do fogo; e José (assim se chamava o irmão de Rosa) José lhes levava agua aos pés.

Raiou o dia: Antonio, e seus companheiros, agradecendo ao virtuoso Pedro o agasalho, despediram-se da familia entre demonstrações de reconhecimento; e n'esta despedida um olhar libidinoso de Antonio feriu os olhos da inocente Rosa. — Perverso! com esse olhar já tu eras um ingrato, já manchavas as sagradas leis da hospitalidade.

No fim de um mez apparece outra vez Antonio: nem Pedro, nem seu filho estavão em casa; Rosa,

e calca os mais respeitaveis deveres sociaes; este homem é um membro pôdre da Sociedade, este homem deve morrer.

Não é este o sentir de Beccaria, e de outros illustres Escriptores, que muito respeitamos: não vião elles nos homens direito algum de matarem estes homens; e por isso aconselharão que se preservasse a pena de morte. Seja, porém, permitido a um escriptor humilde formar tambem algumas raciocinios sobre tão importante assumpto.

Quem deu direito ao homem de matar o homem?.. — Perguntamos tambem nós com o illustre Beccaria. — Deus não foi; que Elle, Pae Universal dos homens, unicamente quer a felicidade dos seus filhos. Deus, criando o Universo não podia sér dominado pelo erro, pois que é immenso, é Todo Poderoso, é Omnisciente.

Deus formou o homem, e lhe deixou o bem, e o mal; e nisto mesmo se conhece a Grandeza do Sér SUPREMO. Deus não quiz que o homem seguisse *por força* o bem: mostrando-lhe os beneficios de um, e os prejuicos de outro, quiz que as acções do homem fossem guiadas pela razão; quiz que o homem fosse livre; porque na liberdade da sua escolha entre o bem, e o mal estava encerrada a Grandeza do mesmo Deus.

A razão, a qual tinha de servir de farol ao homem no caminho da vida, foi dotada de toda a capacidade necessaria para poder obrar: esta razão devia imperar pura sobre o homem. Quiz Deus que o homem conhecesse * o mal para que soubesse dar valôr ao bem: resultando maior gloria ao mesmo Deus, e maior felicidade ao homem na preferencia dada á este sobre aquelle. Só apreciamos a utilidade de uma coisa indispensavel á vida, tendo um perfeito conhecimento do prejuizo que sua falta nos causa.

Deus disse ao homem: — Vós tendes o bem, * Dizemos, — *conhecesse*, e não — *obrasse*. Deus mostrou o mal ao homem, para que o fugisse.

a sua mae, sós, o receberão. O moço trouxera alguns presentes á familia; e as duas o agasalháram com puro affago. Desde então começou Rosa a ser combatida pelos excessos amorosos de Antonio, que desde então sob diversos pretextos procurou vê-la amaldiçoadas vezes.

Emfim Antonio era moço, e gentil; e seu amor triunfou da innocencia. Na sua ultima visita, Rosa, vencida pelos seus protestos, se lhe entregou, e o moço roubou-a aos carinhos paternos! Ah! que não posso eu descrever a consternação dos velhos paes, e o furor do irmão!... Embalde procuráram os roubador, e a vítima: perdidos esforços!....

Um anno decorreu, e nenhuma notícia houve de Antonio, e de Rosa: os ternos paes choravão amargamente a perda da querida filha: José desesperava por não poder tomar vingança do indigno Antonio. Eis-que um dia uma carta veio ter ás mãos de Pedro; a carta era de Rosa: ei-la.

* Meus queridos paes: si ainda algum amor nos

e tendes o mal: o bem vos trará venturas, o mal vos trará desgraças. E o homem foi instruído do que era ventura, e desgraça. Perguntar-nos-hão: — A quem vai que Deus tal disse? Foi ao primeiro homem?.. Porque não o disse, porque não o diz a todos os homens? — Responderemos: — Deus o disse ao primeiro homem, para que o ensitassem aos seus filhos: e, ainda não satisfeito, Deus o tem dito sempre, pelo intermedio da razão, a todos um homem, logo que entra no mundo.

Bem vemos que muitos não approvarão quanto dizemos. Os que negão a existencia d' alma chamar-nos-hão, talvez, até um impostor; mas que temos nós com elles, uma vez que mais servem ás paixões, do que á razão? Sejão elles materiaes; que nós reconheceremos sempre um Sér Supremo.

Os principios que acabamos de estabelecer tem por fim mostrar que Deus não pôde jamais têr querido que os homens fossem máos; e por isso Deus não disse que os homens matassem os homens: mas quiz (nem podia o contrario querer, sem deixar de sér Justo) quiz que o bem fosse recompensado com o bem, e o mal castigado com o mal.

Os homens devião, e devem amar-se reciprocamente. Postergado este mutuo amor que os homens se devem, postergou-se um principio, sem o qual não podem existir os homens, e os homens são os que formão a Sociedade.

Nenhum direito tem o homem de roubar a vida á outro homem: no entanto nós vemos que o homem assassina a seu similhante!! Pois vós arrogaeis-vos um direito que o não tendes!!! Vosso acto criminoso vos constituiu réo para com a Sociedade, contra cuja segurança attentaste; a Sociedade reclama vossa punição, assim de conterem-se com exemplar castigo os que perderão imitar-vos. Morrei.

Dizem que a pena de morte não refreia as paixões dos malvados; porque o tormento

« merece uma filha ingrata, compadecei-vos de sua má estrella. Eu fui vilmente seduzida por aquele mesmo homem, que vós tão cordealmente recebestes em vossa casa. Inexperiente joven, fiei-me no seu fementido coração; mas o cruel, depois de assassinar minha honra, depois de manchar torpemente vossas cans, e amargar vossos dias, entregou-me á penuria, e ao abandono. Meus ternos paes, condoei-vos do desamparo em que se acha vossa desgraçada filha — Rosa.

Que pesada foi a dôr que invadiu os corações dos dois velhos!.... Que frenesi si aposou de José, que era tão extremoso por sua irmã!.. — Vamos, meu pae, disse elle, vamos socorrer Rosa, e vingar no sangue do malvado a injuria recebida... e..... — Galai-vos, José; não enveneneis mais minha triste existencia. — E os velhos choravão, e os velhos arrancavão profundos suspiros.

No dia seguinte já o pae, e o filho, embarcados, navegavão para a cidade: elles encontráram Rosa em

morte só dura um instante. Esta proposição parece-nos um pouco absurda. Arguntai a mim criminoso o que quer, — e ou prisão perpetua? E responder-me que a ultima. Apontar-nos-há algum exemplo do contrario; mas isso que tem com a improriedade da pena, para refrear o crime?

Quando o malvado chega a dizer que prefeire a morte, é justo que morra por duas razões: a 1.^a porque deve ser punido; a 2.^a porque é de necessidade obstá-lo a que sacrifique mais alguma vítima. Uma prova de que a prisão, e o trabalho nem sempre amoldão a ferocidade do assassino é, que mesmo nas cidades nós os temos visto amontoando crimes sobre crimes; nas cadeias, e acorrentados assim mesmo assassinão.

Demais, pôde muito bem sér. (e disto há bastantes exemplos) que o malvado se escape dos ferros, e então torna elle á sua passada vida; então é elle ainda mais feroz. O que nós dizemos é fundado no que já vimos.

Aquelle homem que no furor da paixão commeteu um assassinato, si antes sua vida não era criminavel, este homem não é réo de um crime horroroso, não é merecedor da morte; deve sér punido com outras penas. Mas aquelle que, premeditando assassinar á outro, seguiu-lhe os passos, e porfim cravou-lhe o punhal, este monstro de humana especie deve morrer.

Digão-nos: — Que castigo merece aquele que mata outro por dinheiro recebido? Só a morte. O homem que fez do roubo, e do assassinio um meio de vida, só não roubará, só não matará, quando não poder.

Trez vezes um malvado matador foi preso, e lançado em ferros; trez vezes se evadiu, e sempre aumentando o numero dos seus crimes. Já contava deserto mortes, (e as tinhão marcadas no coice do bocamarte) quando foi ultimamente preso: felizmente este homem pôde depois succumbir á peste de bexigas.

uma habitação miserável, tendo por companheira uma gelha preta, que, compadecida de suas lagrimas, a recebera em sua companhia. Rosa é reconduzida ao lar paterno; pouco depois deu á luz o fructo de seu infeliz amor; mas Rosa, apesar dos paternos disvellos, logo depois succumbiu á melancolia, que a devorava.

* José, firme no seu propósito, não cessou suas pesquisas à respeito de Antonio: por sim pôde ter d'elle noticias certas; o Antonio à custa de sua vida pagou a offensa feita á inocencia.

Tais foram os resultados de um erro, perverso no seu começo, funesto no seu fim. Um erro acarrêta sempre apóz si muitos erros. José, perseguido pelo assassinio, que, allucinado, commettera, foi lançado em prisões, de que pôde finalmente vêr-se livre, depois de mui graves padecimentos.

Reflexões. Impudico Antonio de quantos males não foste origem! Tu semearas os maiores pesares em uma família que vivia pacifica! Tu sacrificaste a em-

Si, quando esta fêga foi encarcerada prima vez, tivesse ido ao patíbulo, viria jão apagadas, que depois expirarão ás suas mãos. Frequentes exemplos corroborão o que dizemos: e força é reconhecer que convém matar um homem, quando este homem, vivendo, pode matar á muitos: a Sociedade tem direito ás bre a vida de um tal homem.

Foi a execução que ultimamente teve lugar, que nos suggeriu estas reflexões. Se com effeito as propostas de morte, como vemos, contra os malvados que morresse.

Agora mesmo, quando há malvado que aconteceu no Juiz, que é a morte. Nada era o réu de um crime, e por que Promotor lhe pediu a morte? Porque dentro mesmo do réu havia malvados attântos contra a vida humana! Um enfei tão perigoso não serve de peso á Sociedade?

Portanto a pena de morte não é somente necessaria, quando o individuo, ou individuos põem em perigo immediato a segurança do Estado: a pena de morte também é útil, e justa, quando applicada á um assassino de profissão, ao perpetrador de hum crime horroroso: a pena de morte convém, quando o réo por suas accões perde os direitos que possuia. Assim a Sociedade muito lucrou com a morte do réo, que foi ao patíbulo. Uma vez que tinha perpetrado tão tristes actos, morresse. Não somos sanguinario; mas convém proteger a segurança publica, e exemplificar o crime.

UMA EXPLICAÇÃO.

Muito sentimos que tivessemos incorrido no desagrado dos nossos Collegas do *Chronista* por causa do nosso artigo no *Diário* do 15 d'ó presente mez. Sem duvida esse artigo saiu alguma coisa duro; e, depois de o termos publicado, tivemos algum pesar; porque não gostamos de offendêr o melindre de homens.

tidade, e pureza de uma donzella! Tu caíste nas sagradas leis da hospitalidade! Tu cravaste aquilo punhal no seio d'aquelles, que te derão os mais vivos signaes de sua candura! Tu á ti mesmo premioste a morte! E, por sim, tu só foste a causa dos eternos desgostos de pais unientes.

Oh! si as donzelas aprendessem n'este exemplo a não se deixarem vencer por seus falsos adoradores, muito lucrarião elles, muito lucraeria a Sociedade inteira. O mundo está cheio da seductores da innocencia: há muitos *Antonios*, que só querem corromper, e saciar-se, com quebra da honra das miseras donzelas, que lhes dão credito. Mocas, não vos deixeis traer por vossos corações, não sejais facilmente illudir-los para não sérdes desgraçadas, para não causardes pesares ás vossas famílias.

E vós, inconscindidos intôcos, não abuseis da bondade da donzella! Ponderai que um dia seréis pais e Ieros filhos; e que vos daria ver vossa filha morta, e abandonada.